

## RELATOS SOBRE O CÂNCER (OU HIV?): REYNALDO GIANECCHINI, ENTRE O TESTEMUNHO E A CONFISSÃO

Roberto Abib<sup>1</sup>  
Igor Sacramento<sup>2</sup>

### Resumo

Em 27 de fevereiro de 2012, ainda em tratamento de um linfoma não-Hodgkin, o ator Reynaldo Gianecchini foi entrevistado pela revista *Época* e questionado sobre a sua sexualidade e os boatos de que estava doente em decorrência da aids. Nosso objetivo principal é analisar como tais suspeições sobre sua sexualidade fizeram parte daquela entrevista e mostrar como tal desconfiança contribuiu para construção de um nexos causal entre possíveis relacionamentos sexuais com homens e o adoecimento por aids. Entendemos que essa suspeita faz parte do processo de estigmatização da homossexualidade masculina desde a explosão da pandemia de aids nos anos 1980. Esse tipo de questionamento faz parte do dispositivo da sexualidade, que busca regular, classificar e hierarquizar corpos e prazeres. Em termos teórico-metodológicos, fazemos uma análise discursiva foucaultiana no que se refere ao imperativo confessional nas mídias do dispositivo da sexualidade, o qual incita os sujeitos a testemunharem sobre sua vida sexual a fim de revelar, simultaneamente, a verdade sobre o sexo e o seu segredo. Ao final, comparamos essa entrevista com aquela em que ele assume ter tido relacionamentos com homens em 2019.

### Palavras-chave

Sexualidade; Comunicação; Saúde; Jornalismo; HIV; Aids

### Abstract

On February 27, 2012, still under treatment for a non-Hodgkin's lymphoma, actor Reynaldo Gianecchini was interviewed by *Época* magazine and asked about his sexuality and rumors that he was ill due to AIDS. Our main objective is to analyze how such suspicions about their sexuality were part of that interview and to show how such distrust contributed to the construction of a causal link between possible sexual relationships with men and the illness caused by AIDS. We understand that this suspicion has been part of the stigmatization process of male homosexuality since the explosion of the AIDS pandemic in the 1980s. This type of questioning is part of the very device of sexuality, which seeks to regulate, classify and hierarchize bodies and pleasures. In theoretical-methodological terms, we make a foucauldian discursive analysis regarding the confessional imperative in the media of the sexuality device, which incites subjects to testify about their sexual life in order to simultaneously reveal the truth about the sex and its secret. In the end, we compared this interview with the one in which he is assumed to have had relationships with men in 2019.

### Keywords

Sexuality; Communication; Health; Journalism; HIV; Aids

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs), grupo de pesquisa vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/Icict/Fiocruz). E-mail: comunicacaoabib@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Fiocruz) e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/UFRJ). É coordenador do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs), grupo de pesquisa vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/Icict/Fiocruz). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. E-mail: igor.sacramento@icict.fiocruz.br.

## Introdução

Em 2011, Reynaldo Gianecchini foi diagnosticado com um linfoma não-Hodgkin, um tipo de câncer que se desenvolve no sistema linfático e tem como principais sintomas a perda de peso, o cansaço excessivo, inchaço nos gânglios linfáticos, suores e febre intensa. Durante a realização da pesquisa documental que se baseia nesse texto, nos deparamos com uma entrevista com Reynaldo Gianecchini publicada pela revista *Época* em 27 de fevereiro de 2012, em que a discussão sobre viver com o câncer foi deslocada para a sexualidade do ator. Gianecchini vinha - desde o seu primeiro sucesso como ator, em 2000, com o personagem Edu na telenovela da TV Globo *Laços de Família* - sendo questionado sobre a sua sexualidade. Na nossa observação, nos atentamos para outro aspecto na entrevista: a suspeição de que a doença de Gianecchini à época não era câncer, mas sim HIV/Aids. Como entendemos, nesse texto, tal tipo de alegação é a suspeição sobre a suspeição, a discriminação sobre a discriminação. O fato de o ator ter tido recorrentemente a sua sexualidade como questão fez, pela incerteza, emergir e se espalhar, à época, o boato de que ele era HIV positivo<sup>3</sup>. Ou seja, a dúvida sobre a sexualidade permitiu uma relação de causalidade: tendo tido relacionamento sexual com outros homens, Gianecchini poderia estar sofrendo as consequências do adoecimento por HIV/Aids. Esse boato nos faz lembrar da estigmatização dos gays, sobretudo, como grupos de risco, praticantes do ainda considerado arriscado e moralmente reprovável comportamento que é se relacionar sexualmente com outros homens, evocando, em 2012, assim, representações da doença como “peste gay” ou “câncer gay” (DANIEL e PARKER, 1991).

Nosso principal objetivo neste trabalho é analisar, especificamente, como as suspeições sobre a sexualidade de Gianecchini fizeram parte da cobertura sobre o seu adoecimento por câncer. Entendemos que a suspeição sobre a sua sexualidade em conexão com o boato de que ele estaria vivendo com HIV/Aids, no contexto da publicização do seu diagnóstico e tratamento de câncer, faz parte do processo de estigmatização da homossexualidade masculina desde a explosão da pandemia de HIV/Aids na década de 1980. Comparamos aquela entrevista com outra, de 2019, quando ele, finalmente, revela o que já era esperado: mantinha relações afetivas com outros homens. Entendemos, a partir da análise, que o ator não assume, ou se posiciona como homossexual ou bissexual.

<sup>3</sup> Não foram encontradas matérias jornalísticas que relatam este boato como notícia. No entanto, na reportagem analisada neste artigo e em seu livro biográfico *Giane: vida, arte e luta* o ator comenta sobre ele.

Em termos metodológicos, buscamos destacar no dispositivo de sexualidade o imperativo confessional: “a confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1985, p. 72). A confissão é, nesse contexto, uma tecnologia de poder que atua sobre os indivíduos de modo a extrair-lhes o verdadeiro necessário num dado contexto. Em termos de análise discursiva, portanto, não se trata de observar a confissão de uma verdade sobre si - se o ator é homossexual ou bissexual, mas de mostrar como determinado sujeito - neste caso, o ator Reynaldo Gianecchini - é disposto numa posição de ter que reconhecer em si o mal, o erro, a culpa, dentro de uma certa relação de poder e saber. Não importa, nessa perspectiva de análise, a busca pela verdade factual dos relatos pessoais considerados, mas mostrar e explicar a necessidade de os enunciadores confessarem ou testemunharem em público seus sofrimentos, por meio de tecnologias midiáticas, de modo a permitir que os espectadores possam entrar em contato, de alguma forma, com o íntimo, com o privado ou autêntico, deles. Essa relação com a interioridade que é tomada recorrentemente em nossa cultura como busca pela verdade.

A análise discursiva da confissão desenvolvida por Foucault (2003) busca compreender a emergência e a circulação de usos de diferentes técnicas de confissão, em diferentes momentos da história, que se concentram especificamente em processos de verbalização de si como práticas tanto discursivas quanto sociais. Ele argumentou que a aquisição de conhecimento nas ciências humanas exigia essa técnica: um conjunto disperso de práticas e esses saberes apoiaram o estabelecimento de uma nova forma de governar o eu (FOUCAULT, 2003). Na contemporaneidade, portanto, a confissão tornou-se científica “através de codificações clínicas, exames pessoais, técnicas histológicas, documentação geral e coleta de dados pessoais, proliferação de esquemas interpretativos e desenvolvimento de toda uma série de técnicas terapêuticas para normalização do ser humano. A verbalização de si se atrelou à ciência e se reinventou em práticas que prometem nos ajudar a viver melhor. Esta cientificação colocou a confissão na interface entre os domínios público e privado, onde sempre requer um “outro”, real ou virtual, a quem se confessa.

Em termos analíticos, consideramos a observação dos seguintes aspectos: 1) da verbalização de si (escolha e uso de palavras, organização de ideias em enunciados, modos de se mostrar/se revelar); 2) da dimensão confessional da entrevista em relação à autoridade do entrevistador na construção da verdade como o segredo íntimo revelado sobre si pelo entrevistado; e 3) das formas de controle do confessante e da sexualidade (quando não heterossexual) como objeto de confissão.

Nosso texto está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, discutimos sobre a estigmatização da homossexualidade masculina em

relação ao HIV/Aids dentro daquilo que Foucault (1985) entendeu como dispositivo da sexualidade. Depois, em seguida, como o relato de Gianecchini foi sendo, ao longo da entrevista, tensionado pela necessidade de confessar um possível segredo sobre sua sexualidade. Observamos que o relato de Gianecchini se deu entre o testemunho da experiência com o câncer linfático e a busca pela confissão de um segredo sobre sua sexualidade. Por fim, comparamos a entrevista dada em 2012 com outra, em 27 de outubro de 2019, quando ele assume que mantém relações sexuais e afetivas com homens e mulheres. Perguntamo-nos mais ao final do texto sobre o que significa, sobretudo em veículos de comunicação, retirar celebridades do armário ou ser palco para a sua saída, por meio de confissões compulsórias.

### HIV/Aids: estigma e sexualidade

Depois da eclosão da pandemia de aids em 1980, houve a transformação de várias populações minoritárias (homossexuais, prostitutas, toxicodependentes) em grupos de risco, enfatizando e projetando uma política de estigma, discriminação e marginalidade (PARKER, HERDT e CARBALLO, 1991). O fato de inicialmente ter-se sabido que a doença tinha atingido sobretudo aqueles grupos, estes tiveram às vias da denúncia, da indignação e da compaixão praticamente fechadas: “o duplo estigma da homossexualidade e do vírus condena, na verdade, a maioria ao silêncio e a uma gestão solitária de sua identidade e de seus riscos” (POLLAK, 1990, p. 16). A aids passou a moldar nossa vida determinando, por exemplo, como devemos nos envolver nas relações sexuais, definindo o que é ‘seguro’ e o que é ‘arriscado’, quem é normal e quem é desviante.

A relação arbitrada entre aids e homossexualidade foi governada pela noção de promiscuidade, produzindo um senso comum de que os homossexuais estariam sendo punidos pela conduta sexual ativa, com muito mais parceiros do que os heterossexuais normalizados pelo ideal de casamento monogâmico. Houve, assim, a produção de subjetividades que mesclam as atribuições de estigma e a sensação de culpa (VIANNA e NASCIMENTO, 2013). A construção da culpa pela contaminação passa pela regulação moral dos corpos e das sexualidades: “o primeiro grupo de risco identificado foi construído em torno da sexualidade, não em termos genéricos, mas de uma sexualidade específica, a homoerótica, tradicionalmente discriminada em nossas sociedades” (CARVALHO, 2009, p.71).

Recorrentemente, nos estudos sobre a relação entre a pandemia de aids e os homossexuais, a noção de estima, de Erving Goffman, é convocada. Trata-se, segundo o autor, de menos de “um atributo profundamente depreciativo” do que “uma linguagem de relações” (GOFFMAN, 1975, p. 13). Ou seja, para ele, “um atributo que estigmatiza alguém pode con-

firmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 1975, p. 13). Nessa perspectiva, o estigma antes de ser uma marca, um atributo, uma evidência corporal, é parte das interações sociais, sendo configurado dentro daquilo que um grupo social entende como comportamentos normais e desviantes. Destaca-se no trabalho de Goffman a estigmatização como uma classificação moral dos corpos e de suas condutas: “a questão do estigma não surge aqui, mas só onde há alguma expectativa, de todos os lados, de que aqueles que se encontram numa certa categoria não deveriam apenas apoiar uma norma, mas também cumpri-la” (GOFFMAN, 1975, p. 16).

Entre os estudos sobre a estigmatização de homossexuais masculinos, alguns são bastante críticos em relação ao uso da noção de estigma. Parker (2013), por exemplo, acredita que é necessário “ir além da formulação teórica inicial de Goffman segundo a qual o estigma é uma espécie de marca, uma diferença de valor negativo e, em vez disso, pensar sobre o estigma como uma espécie de processo social, fundamentalmente ligado ao poder e à dominação” (PARKER, 2013, p. 29). Como parte dos processos de funcionamento das desigualdades sociais, a estigmatização deixa de ser parte da construção de identidades contrastivas (nós/ eles, normais/desviantes, sadios/doentes) para abordar as determinantes sociais da diferenciação de modo múltiplo e interconectado (classe, gênero, cor/raça, acesso à informação, à educação, aos serviços de saúde e aos bens culturais). Essa perspectiva chama atenção ao fato de que as pesquisas mais recentes sobre estigma, preconceito e discriminação estão buscando abordar, de modo mais amplo, os processos culturais, as estruturas de poder e as possibilidades de resistência, tratando daqueles processos menos como parte das interações sociais do que dos mecanismos de “violência estrutural” (PARKER, 2013).

Reconhecemos que no caso de uma celebridade como Gianecchini a virulência de determinadas desigualdades sociais é atenuada por suas condições de classe, cor/raça e de visibilidade. Desse modo, embora reconheçamos a importância da crítica ao trabalho de Goffman, estamos privilegiando a subjetivação de violências relacionadas à homofobia. Na observação do nosso *corpus*, a problemática da sexualidade é o eixo a partir do qual se concentra a suspeição em relação ao ator: heterossexual ou gay? Se gay, seria mesmo câncer, ou seria, na verdade, HIV/Aids?

Os trabalhos de Foucault, embora de maneira diferente, contribuíram significativamente para os estudos da construção social do normal e do anormal. O conceito de normalização é encontrado em *Vigiar e Punir*, no contexto de sua descrição do poder disciplinar. Como Foucault (1977) usou o termo, a normalização envolve a construção de uma norma idealizada de conduta - por exemplo, a maneira como um soldado adequado idealmente deveria permanecer, marchar, apresentar armas etc., para produzir classificações que dis-

tinguem os que se conformam dos que se desviam de uma determinada norma de conduta. Desse modo, a normalização corresponde a um conjunto de táticas para exercer o controle social máximo com o gasto mínimo de força, que Foucault chama de poder disciplinar.

No regime disciplinar, a violência física ou a coerção deram lugar cada vez mais ao que ele descreveu como sujeição, ou controle social exercido não por meio da força física, mas por meio da produção de sujeitos e corpos dóceis em conformidade com as normas sociais vigentes. Foucault destacou como a produção social da diferença (o que Goffman mais tipicamente definiu como desvio) está ligada a relações de saber-poder. Na abordagem interacionista goffmaniana, o chamado antinatural é necessário para a definição do natural, assim como o anormal é necessário para a definição de normalidade. Enquanto se concentra em questões semelhantes às examinadas por Goffman em seu trabalho sobre estigma (por exemplo, psiquiatria e doentes mentais; prisões e criminosos; sexologia e desvios sexuais ou perversões), o trabalho de Foucault enfatiza mais especificamente a produção cultural da diferença a serviço do poder. Embora o trabalho de Goffman sobre estigma praticamente não mencione a noção de poder e o de Foucault sobre poder parece menos preocupado com o estigma, quando, juntos, esses autores podem oferecer um argumento convincente sobre a necessidade de se estudar o papel da estigmatização nas sociedades (isto é, a produção de diferença negativamente valorada), central para o estabelecimento e manutenção da ordem social<sup>4</sup>.

Desse modo, como explica Foucault (1995, p. 279), “os mecanismos de sujeição não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação”, muito embora eles mantenham “relações complexas e circulantes com outras formas”. Nesse aspecto, particularmente, nos interessa observar o processo de subjetivação da regulação moral. Embora a subjetividade seja constituída por discursos da verdade imbuídos de relações de poder, isso não impede automaticamente a possibilidade de ação ou resistência moral e política. De fato, sem a possibilidade de resistência, não pode haver poder no sentido de Foucault, mas apenas dominação. É através do poder e de sua constituição do sujeito que a resistência é possível. Ou seja, ao mesmo tempo, o sujeito é um efeito do poder (FOUCAULT, 1995).

Para essa análise, nos pareceria importante destacar no dispositivo de sexualidade o seu imperativo confessional, visto que envolve “a colocação de sexo em discurso” (FOU-

<sup>4</sup> A aproximação entre Foucault e Goffman para pensar as formas de poder incidentes sobre as sexualidades não heterossexuais é cuidadosamente trabalhada por Richard Parker em muitos dos seus estudos por muitas décadas, em que reconhece as diferenças entre as matrizes teóricas de referência dos autores, mas demonstra que pode ser potente para o estudo das sexualidades apostar nesse diálogo (cf., por exemplo, PARKER, 2013 e PARKER e AGGLETON, 2003).

CAULT, 1985, p. 16), buscando incitar os indivíduos a falarem sobre si, sobre sua vida sexual, como forma de revelar um segredo. Como explica o autor, “coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso” (FOUCAULT, 1985, p. 27). Como observou, a tradição de extorquir confissões sobre práticas sexuais, na ciência e na religião, através de uma codificação do “fazer falar” combinou o exame com a confissão, “a narração de si mesmo com o desenrolar de um conjunto de sinais e sintomas decifráveis” (FOUCAULT, 1985, p. 65). A partir daí, fundamentaram-se duas ideias que embasam a regulação moral dos corpos e das sexualidades ainda na contemporaneidade: do poder da confissão sobre o sexo como forma de tratamento/cura ou salvação e do sexo como detentor da verdade mais profunda sobre nós mesmos. Sendo assim, a verdade sobre o sexo, bem como sobre o sujeito como uma interioridade psicológica, está na revelação de um segredo sobre a sexualidade. Afinal, a sexualidade é um dispositivo em que se dá “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder” (FOUCAULT, 1985, p. 100).

É justamente nesse sentido que a estigmatização pode ser analisada como parte da subjetivação de normas sobre a sexualidade. Desse modo, os processos de normalização incentivam os sujeitos a se tornarem altamente eficientes na execução de uma série de práticas estritamente definidas. É o caso do gênero, em que os sujeitos são divididos em grupos, cujos comportamentos apropriados são socialmente determinados e que todos são incentivados a repetir formas de conduta. Com o tempo, comportamentos repetidos tornam-se incorporados ao ponto em que são percebidos não como um conjunto particular de normas vigentes, disciplinando, classificando e normalizando corpos, mas como normais, adequados ou, ainda, naturais. Desse modo, a desconfiança em relação à doença de Gianecchini e sua relação de causalidade com os boatos sobre sua sexualidade é uma das formas de manifestação do poder de normalização dos corpos numa cultura ainda marcada pela masculinidade como sinônimo de virilidade, brutalidade, força e dominação.

### Entre testemunho e confissão

No dia 27 de fevereiro de 2012, a reportagem de capa da revista *Época* contava com a seguinte chamada: “A história de fé e superação do ator Reynaldo Gianecchini, livre do câncer depois de um transplante de medula”. A imagem da capa é o rosto sorridente do ator, careca, uma representação visual de sua capacidade de superação do câncer com autoesti-

ma. Sorridente, a capa dá a entender que a felicidade também é resultado da ‘vitória’ da última fase da batalha contra o câncer, do qual estaria ‘livre’ (Figura 1). Com o título no conteúdo interno “Reynaldo Gianecchini: Meu transplante foi um renascimento” e subtítulo “o ator fala de seu tratamento, de como quase morreu num acidente cirúrgico - e também de espiritualidade, fofocas, trabalho, sexualidade e futuro”, a entrevista se desdobra enfaticamente com as questões relacionadas à sexualidade masculina do ator.

Diferentemente de publicações baseadas em narrativas de sensações, características do jornalismo popular (BARBOSA e ENNE, 2006), a revista buscou, aparentemente, pelas chamadas e pelos títulos, dar ênfase à experiência de sofrimento e superação do ator. No entanto, o que lemos ao longo da entrevista é um concentrado de perguntas e especulações sobre a sua sexualidade motivadas a boatos de um possível adoecimento pela infecção por HIV. A entrevista se configura numa busca por uma confissão sobre a sua sexualidade, em que seu adoecimento em decorrência do câncer faz evocar estigmas do HIV/Aids relacionados à homossexualidade masculina.

A entrevista, como um gênero midiático estabelecido e parte do espaço biográfico contemporâneo (ARFUCH, 1995), tem sido configurada no entrecruzamento com outros gêneros discursivos. Tem sido recorrente a presença de dimensões confessionais e testemunhais na realização de entrevistas. Em diferentes formatos midiáticos, a confissão é usada como estratégica para levar as pessoas a falarem tudo. A entrevista, assim, oferece modos diferentes de falar sobre si mesmo, nem todos são confessionais e muitos menos envolvem perdão e penitência. Afinal, “uma confissão, tradicionalmente, entende-se aqui, é um processo fechado, privado, secreto e, portanto, imune às possibilidades democratizantes de discurso na esfera pública” (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2020, p.75). As entrevistas midiáticas representam, ao contrário, a confissão como um discurso aberto no qual o falar íntimo é validado como parte da busca pela saúde psíquica, pela sinceridade e pela verdade. Já a dimensão testemunhal em entrevistas é frequente para mostrar como determinados indivíduos, pela voz, corpo e presença deles mesmos, passaram por determinadas situações e as superaram ou a estão superando. A verdade do testemunho não se fundamenta no perito e no discurso científico, mas, sim, na exibição do sofrimento e da sinceridade por aquele que viveu o que narra. Para ganhar repercussão, não raro, as entrevistas que consideram testemunhos são relacionadas a sobreviventes e aqui a categoria de sobrevivente é elástica, abarcando experiência de sofrimento, adoecimento, violências, tragédias e lutas por direitos, por exemplo, conforme abordado em outro estudo (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2020).

Figura 1- Capa da Revista Época



Fonte: Revista Época - 27/02/2012

Na primeira resposta dada a jornalista Ruth de Aquino, quando pergunta se ele se sente curado após o câncer, o autor comenta sobre o autotransplante que fez: “meu transplante é um pouco menos cabeludo do que os que se fazem com a medula de outra pessoa, quando pode rolar uma rejeição. Eu super me aceitei (risos)” (AQUINO, 27/02/2012, p. 72). Para explicar seu processo terapêutico o ator usou uma expressão que também é utilizada no sentido de uma possível aceitação de sexualidades dissidentes, como as homossexuais (“Eu super me aceitei”). Tal expressão é destacada no texto da jornalista acompanhada com uma forma gráfica, destacando a ambiguidade entre o processo de sair do armário e o autotransplante. Como mostra Danielle Bobker (2015, p. 50), ao longo do século XX, especialmente com a explosão da televisão como principal meio de comunicação de massa, “a retórica do armário tornou-se estranhamente nítida e clara, à medida que diversos jornalistas, apresentadores e escritores se esforçam para projetar em público diversas revelações sobre a sexualidade de famosos como acessíveis e divertidas”. Nesse sentido, a repercussão de boatos pela mídia, ao mesmo tempo que reforça a regulação sobre determinados corpos e condutas consideradas desviantes ou inadequadas produz um receituário para a conduta considerada normal. Por isso, no caso de celebridades como Gianecchini, galãs em produções audiovisuais, os quais não relevam tal tipo de segredo sobre a intimidade é uma forma de se manter em relevância como galã para o público feminino heterossexual. “O armário não é

uma função da homossexualidade em nossa cultura”, escreve Crimp (1993, p. 305), “mas da heterossexualidade compulsória e presuntiva”.

O armário exige que uma pessoa gay vigie com regularidade ou permaneça calada sobre o desejo pelo mesmo sexo. Como a identidade gay é controversa e estigmatizada, sair pode ser perigoso. Certamente, a divulgação de uma identidade gay ainda pode motivar humilhação, rejeição e violência de familiares, amigos e estranhos. Entretanto, conforme Bobker (2015), há cada vez mais, especialmente ao final do século XX, uma normatização social que produz nos indivíduos maior sensação de obrigatoriedade de sair do armário como forma de afirmar pessoalmente valores democráticos liberais: a pluralidade, o respeito à diferença e o exercício da tolerância. No caso do ator, a questão da sexualidade foi se mantendo de forma ambígua de modo a manter sua imagem de galã<sup>5</sup>.

Antes da descoberta do câncer, na incerteza de um diagnóstico, havia um conjunto de boatos que associavam o adoecimento do ator ao HIV/Aids, uma doença frequentemente atrelada à homossexualidade. O boato ganhava corpo ao se utilizar como fonte da informação o infectologista do ator, David Uip. Na época, o profissional se pronunciou ao portal R7 para desfazer o boato<sup>6</sup>. Essa passagem é comentada no livro biográfico do ator (FIUZA, 2012).

*ÉPOCA*: Como surgiu a história de que você seria HIV positivo?

*Gianecchini*: Foi quando procurei o infectologista por causa da dor na garganta e dos gânglios. Logo se espalhou o boato: o cara tem HIV. (AQUINO, 27/02/2012, p. 75).

Sontag (1984) argumenta que contrair HIV/Aids é equivalente à revelação de que a pessoa faz parte de um determinado ‘grupo de risco’, socialmente estigmatizado por uma conduta sexual considerada imoral e, mais do que isso, anormal. A infecção expõe uma identidade que poderia ter permanecido oculta dos vizinhos, colegas de trabalho, familiares e amigos, e no caso, do ator Reynaldo Gianecchini, da mídia. Na epidemia de 1980, o grupo mais comentado pelo adoecimento por HIV/Aids era o dos homossexuais masculinos, propiciando um reforço de estigmas, discriminações e perseguições. Diferente de outras enfermidades como o câncer - geralmente associado ao acaso - mas também à falta de prudência ou força de vontade para ter uma vida saudável, a pessoa que contrai o HIV/Aids carrega um julgamento de irresponsabilidade e delinquência, ou “é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente” (SONTAG, 1984, p. 57).

<sup>5</sup> Essa questão foi mais trabalhada num outro trabalho (ABIB, 2021).

<sup>6</sup> Entrevista com o infectologista David Uip para o portal R7, intitulada “Nunca falei em HIV”, diz médico de Gianecchini”, publicada em 12 de agosto de 2011, pode ser acessada pelo seguinte link: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/noticias/-nunca-falei-em-hiv-diz-medico-de-gianecchini-20110812.html>. Acessado em 15 de fevereiro de 2020. O infectologista é uma fonte recorrente da imprensa ao tratar sobre o tema HIV/Aids.

Como explica Sontag (1984, p. 80), “a catástrofe da aids aponta a necessidade imediata de limites, referentes tanto ao corpo quanto à consciência” (SONTAG, 1984, p. 80). Ou seja, tal pandemia foi utilizada como uma volta às convenções morais depois do contexto de revolução ou liberação sexual de décadas anteriores. Os ideais de monogamia e de vida sexual prudente passaram a ser entendidas como formas de proteção, aumentando o seu caráter de normalidade e fundamentando uma “prevenção do desvio”, que tem como foco “os grupos que organizam sua sexualidade a partir de valores distintos daqueles que orientam os valores hegemônicos da sociedade contemporânea” (PELÚCIO e MISKOLCI, 2009, p. 142). Por sua vez, como vimos, Parker e Aggleton (2003) enfatizam que o estigma desempenha um papel fundamental na produção e reprodução de relações de poder e controle, uma vez que “faz com que alguns grupos sejam desvalorizados e outros a sentir que eles são superiores de alguma maneira” (PARKER e AGGLETON, 2003, p. 17). Desse modo, “seja em relação ao HIV/ Aids ou a qualquer outra questão, a estigmatização exige pensar mais amplamente sobre como alguns indivíduos e grupos passam a ser excluídos socialmente e as forças que criam e reforçam a exclusão em diferentes definições” (PARKER e AGGLETON, 2003, p.17).

O testemunho do ator sobre a sua experiência com o câncer linfático é tensionado pela busca de uma confissão compulsória. Como já observado em outros trabalhos (ABIB, 2021; RIBEIRO e SACRAMENTO, 2020), a técnica da confissão está sendo substituída na cultura terapêutica contemporânea pela do testemunho. As práticas terapêuticas como a confissão e o expressionismo emocional não são sempre vistas como desempenho da verdade na cultura contemporânea. A natureza da verdade pública está sendo substituída pelo testemunho. Por já não ser mais a terapêutica unicamente uma questão de segredos retirados do inconsciente e pela necessidade atual de a subjetividade se basear na ideia de se poder afirmar a sobrevivência em relação à fraqueza emocional, à repressão e à subordinação, o testemunho envolve uma afirmação do eu como o lócus próprio da verdade porque da experiência pessoal única. No entanto, a construção dessa entrevista com o ator está menos interessada no testemunho do que na confissão de um segredo, tentando extorquir-lhe algo que ainda não fora relevado, embora amplamente comentado. Na confissão, opera-se pela revelação de uma ‘verdade escondida’, que somente pode vir à tona no processo que produz o ato de confessar. No testemunho, por outro lado, considera-se tanto a narrativa de quem presencia algo quanto daquele que vive em seu próprio corpo a experiência. É evidente que, para nós, as lógicas que regem os modos televisivos de enunciar vidas são culturais. Nesse sentido, concordamos que, na contemporaneidade, “a verdade que importa é cada vez mais a que está no sujeito, no foro íntimo do indivíduo, de onde se presume que provenham fala e escrita” (CALLIGARIS, 1998, p. 45).

Era esperado que, naquela entrevista, ele revelasse um segredo sobre sua sexualidade. Já àquela época, em relação à imagem pública do Gianecchini, havia uma ação incessante da mídia, acompanhada com a busca da revelação de um segredo, em saber mais sobre a sua sexualidade ou ser palco de sua saída do armário, alimentando a curiosidade do público. No entanto, o ator se manteve numa indefinição dos marcadores do homem gay ou heterossexual, possivelmente na tentativa de evitar os estigmas de inferioridade associados à homossexualidade masculina em relação à masculinidade heterossexual hegemônica, pois sua imagem é construída sob o prisma do homem ideal figurado pelo galã de novela.

Dando continuidade à entrevista, a jornalista o interpela com outro infortúnio da vida do ator em associação com uma suposta relação homoafetiva:

*ÉPOCA:* Foi o que aconteceu também com a história de seu ex-empresário, que disse ter recebido de presente um apartamento seu?

*Gianecchini:* Outro caso tratado de forma muito leviana. Essa é uma história que tem muitos desdobramentos, que envolve dinheiro, bens e contas [...]. Não é uma questão amorosa, definitivamente, que está em jogo (AQUINO, 27/12/2012, p. 75).

Na sequência, de maneira mais enfática, a jornalista o interroga sobre sua sexualidade:

*ÉPOCA:* Você se considera hetéro ou bissexual?

*Gianecchini:* Penso que essa questão da sexualidade é muito mais complexa do que as pessoas tendem a achar. Cada um tem sua sexualidade. Nunca tive uma história com um homem, nunca fui casado com um homem, nunca tive um romance com um homem. Mas a sexualidade, ou a sedução, é outra coisa. A gente é sexual no dia a dia sem transar [...]. No meu caso, sou tão discreto que, se a história está publicada numa revista como fofoca, pode ter certeza de que é mentira (AQUINO, 27/12/2012, p. 75).

Gianecchini responde tentando conceituar sexualidade como algo mais amplo. Não responde objetivamente à pergunta, e dando como única certeza de que se a notícia foi publicada numa revista de fofoca é falsa. Dessa maneira, o ator acaba alimentando o jogo dos signos binários em torno de sua sexualidade: heterossexual, homossexual ou bissexual. Ao ser provocado pela jornalista com a pergunta sobre a sua solteirice, ele conta:

*ÉPOCA:* Quando você ficou solteiro, passou a usar uma camiseta com a inscrição “Me Pega. Era um convite às mulheres?”

*Gianecchini:* Era uma frase em que eu estava meio soltinho, querendo curtir a vida. Homem é muito mais solto, separa o sexo mais facilmente. Vi uma frase: “Me pega mas não se apegas”. E mandei fazer a camiseta, só que o complemento da frase estava nas costas e ninguém fotografou. As mulheres se apegam (AQUINO, 27/12/2012, p.76)

Na interpelação seguinte, o ator relata qual é o tipo de mulher que lhe agrada, diferente de um padrão de feminilidade em que a mulher é caracterizada como um sexo frágil. Evidencia que, por valorizar a inteligência, citando como exemplo a sua ex-mulher, e não a beleza, sua sexualidade é colocada em dúvida:

*ÉPOCA*: O que o atrai numa mulher?

*Gianecchini*: Diferentemente da maioria dos homens que costuma se concentrar se a bundinha está durinha, para mim o que é sexy é um conjunto de coisas, e a inteligência faz parte disso. No caso da Marília, tem vários fatores que a deixam super sexy. Não só a inteligência, mas a postura, a segurança, uma coisa de peitar o mundo. Quando as pessoas criticavam e preferiam acreditar que eu era gay por estar com uma mulher mais velha que não era “a gatinha”, eu falava: “Vocês não entendem nada do que é uma mulher sexy [...] Fui criado no universo feminino, com mãe, tias, vizinhas, primas, irmãs. Aprendi a respeitar a natureza da mulher. Nós, homens, somos mais escrachados. Mas gosto muito de ser um homem sensível (AQUINO, 27/12/2012, p. 76).

O que fica evidente nas manifestações do ator pode ser compreendido como a consolidação de um novo modelo de homem: “o que chora, que é fragilizado e assustado e que necessita dividir o peso das grandes responsabilidades que lhes são culturalmente e socialmente impostas” (SOUZA, 2009, p. 134). As respostas de Gianecchini ora correspondem aos ideais de homem macho ora mobiliza valores em relação a ser forte/sensível. Consideramos que essa mobilização ambígua, reforçada pelo enquadramento da entrevista, coloca o ator num jogo de analogias que envolvem a sua sexualidade entre a heterossexualidade e a homossexualidade.

### Abrindo a porta do armário

Em 27 de outubro de 2019, Gianecchini revela que já se relacionou com homens em entrevista à jornalista Ruth de Aquino, mas ressalta que não se considera homossexual e que sua sexualidade não cabe numa gaveta. Há 7 anos, em 27 de fevereiro de 2012, como observamos, o ator já enunciava essa necessidade de não se definir em uma categoria de masculinidade normativa.

Nos primeiros parágrafos, Ruth de Aquino relembra o momento da vida de Gianecchini em que ocorreu a entrevista da revista *Época*, fazendo comparações da mudança de seus traços físicos tendo como referência padrões que transitam entre os estereótipos do masculino e do feminino. Em seguida, a jornalista enfatiza que o assunto de agora será sobre “liberdade e preconceito, sobre desejo e repressão”, emendando com a transcrição de uma

declaração do ator refletindo sobre uma cobrança do público que fazem a ele em relação a sua sexualidade: “Sempre me cobraram muito: ‘quando é que você vai sair do armário?’ Acho essa expressão cafona, ultrapassada e preconceituosa, diz” (AQUINO, 27/10/2019).

O último tópico da entrevista é sobre a sexualidade de Reynaldo Gianecchini. No conjunto de perguntas, a jornalista interpela o ator sobre masculinidade tóxica, feminismo e comportamento das pessoas LGBTQIA+ na contemporaneidade; sobre não ter ainda filhos; e não ter se casado com outra mulher depois de Marília Gabriela, temas que são analogias possíveis de questionar a heterossexualidade do ator. Quanto a padrões de gênero, nesta entrevista, o ator critica os padrões estabelecidos para homens e mulheres por ter uma criação na infância mais próxima às mulheres. Este assunto é discutido a partir do questionamento da jornalista: “Estamos numa encruzilhada moral?”

*Gianecchini:* o que falta olhar com uma lupa é a repressão. Todo mundo perdeu tempo querendo agradar e ser validado, se encaixar no que foi estabelecido como correto. As mulheres foram massacradas, e os homens também, porque tinham que ser os fodões, os bons de esporte, pirocudos, provedores, os que não choram. E aí, como você faz com uma criança que nem eu, que nasce numa família totalmente feminina e sempre foi muito sensível? (AQUINO, 27/10/2019)

Na sequência, Ruth de Aquino interpela se ele está bem com a sua sexualidade. Gianecchini dá uma resposta que segue uma lógica parecida com as interpelações feitas na revista *Época* em relação à temática, procurando não se definir em padrões masculinos ou femininos, mas agora, se reconhecendo na possibilidade de se ver também como características gays ou bissexuais, assim como de uma criança ou idoso.

*Gianecchini:* todo mundo fala da minha sexualidade, né? Me cobram muito, ‘quando é que você vai sair do armário?’. [...] Eu reconheço todas as partes dentro de mim: o homem, a mulher, o gay, o hétero, o bissexual, a criança e o velho. (AQUINO, 27/10/2019).

Enquanto na entrevista da revista *Época* o ator fluía entre as características femininas e masculinas, mas no âmbito da heterossexualidade, nesta entrevista ao *O Globo*, depreende-se que Gianecchini revela que este é o momento de dizer que já teve relacionamentos com homens como forma de reafirmar a liberdade tanto dele quanto à de quem enfrenta repressão nesse sentido. Assim, evidencia uma narrativa endereçada às pessoas que estão em desvio dos padrões de gênero:

*O Globo*: Você já transou com homens?

*Gianecchini*: Já tive, sim, romances com homens e acho que é esse o momento de dizer isso. Mas nunca me senti obrigado a empunhar bandeira de homossexualidade. O desejo para mim não passa pelo gênero e nem pela idade. Demorei para falar porque isso esbarra sempre no tamanho do preconceito no Brasil. Mas agora é importante reafirmar a liberdade, por mim e por quem enfrenta repressão. (AQUINO, 27/10/2019).

Como já vimos, o processo de sair do armário é afirmativo. Gianecchini não busca ser considerado como militante de causas LGBTQIA+. Tampouco acredita que tenha sido obrigado a assumir sua sexualidade, embora o questionamento sobre ela o fez estar submetido a inúmeras formas de tentativa de confissão compulsória. Há uma centralidade do armário como “a estrutura definidora da opressão gay”, uma estrutura que remonta ao surgimento de uma dicotomização entre heterossexualidade e homossexualidade, produzindo uma “identidade binarizada” (SEDGWICK, 1990, p. 2). O armário produz polos dicotômicos - sigilo/exposição, natural/artificial, saúde/doença, normal/anormal e voluntariedade/vício -, que passam a significar através de sua relação com o eixo da heterossexualidade/homossexualidade. Nesse sentido, “a preferência por um determinado objeto, ato, papel, zona ou cenário sexual” é discricionário (SEDGWICK, 1990, p. 25). Sedgwick observa que a epistemologia do armário molda a vida dos homossexuais contemporâneos. Compreende também o modo paradoxal de configuração de suas identidades: reveladas e ocultas, privadas e públicas. Além disso, os dois pares estão em um relacionamento inevitável e interdependente: o conhecimento/ignorância depende da fala/silêncio para seu funcionamento, isto é, da fala ou do silêncio em relação ao que é conhecido/desconhecido. O que não pode ser ou não é dito é uma parte central do discurso sobre o que pode ser dito.

Seguindo pistas do trabalho de Sedgwick, Lynne Joyrich (2001) argumenta que o conhecimento sobre sexualidade vem sendo compartilhado pela mídia de modo cada vez mais frequente. Portanto, não surpreende que a epistemologia do armário seja uma estrutura tão notável na mídia recente. Com a divulgação sexual aparentemente compulsória, mas proibida, exigida e contida, a televisão constrói as sexualidades ilícitas ambivalentemente como conhecidas e desconhecidas. Assim, tornando a homossexualidade o conhecimento secreto a ser recolhido, segundo Joyrich (2001), a mídia normalmente cria um vínculo duplo epistêmico. Em outras palavras, embora as narrativas que lidam explicitamente com o armário são marcadas como exceções, o armário se torna uma forma implícita de produção midiática - uma lógica que governa não apenas as maneiras pelas quais gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e outros são representados, mas também a produção de narrativas e posições *na e para a mídia*.

## Considerações finais

A incessante busca da repórter pela confissão do ator a respeito de sua sexualidade não heterossexual opera uma forma particular de controle social, mas geralmente não se dá simplesmente como coerção. Mais tipicamente, funciona como uma forma de incentivo, mobilizando compromisso ao invés de cumprimento, pela forma como ela oferece libertação e controle. Sendo assim, não se trata simplesmente de uma questão de verdade (o quê, o quem, o porquê e o como do que se confessa), mas sim a maneira pela qual a confissão é atrelada ao exercício da verdade como uma prática de saber/poder. A necessidade de confessar a verdade de si mesmo (aos sacerdotes, à família, aos médicos, aos terapeutas, mas também aos jornalistas) baseia-se na linguagem de dominação e/ou autoridade como uma linguagem da liberdade. Nesse ponto, uma confissão como esta se baseia em trazer à tona de que se deve ter vergonha ou se quer esconder em prol da carreira como ator. Mas a confissão não compreenderia apenas aquilo que o sujeito desejava esconder, mas também aquilo que se escondia ao próprio sujeito, o que só podia ser revelado através da relação confessor-confessante. A verdade, assim, não estaria unicamente no sujeito que fala, pois só poderia ser completada através daquele que escuta e é capaz de dizer a verdade obscura ao próprio sujeito.

Essa busca pela confissão em relação à sexualidade não se dá da mesma forma que em relação ao relato sobre a doença. Sobre essa experiência, a construção enunciativa assume um tom testemunhal. O que passa a importar, nesses momentos da entrevista, é relatar, com sinceridade, os momentos de sofrimento, o processo de enfrentamento da doença e a conquista da superação. Assim, o testemunho possibilita garantir uma forma diferente de autenticidade da voz que conta, na sua expressividade, suas estratégias narrativas, sua presença, uma garantia de uma existência real do que está sendo narrado. Essa autenticidade é em si um valor: quem diz “isso aconteceu comigo” coloca o corpo no discurso. Essa identificação não se dá apenas com a vida glamorosa - de alguém feliz, rico e famoso, vencedor e bem-sucedido -, mas também com a fraqueza, o infortúnio, o sofrimento, o adoecimento, a violência e toda experiência legitimada como traumática. Assim, o testemunho opera, na entrevista em análise, em mostrar como o ator se livrou de todo mal que se abateu sobre sua vida.

A imagem do ator, desde a sua alta visibilidade midiática, se construiu em torno da epistemologia do armário por meio das dicotomias como sigilo/exposição, normal/anormal e saúde/doença, este último duplo aparece com mais ênfase no período do diagnóstico de câncer, pois devido às incertezas médicas e precauções na divulgação das informações à

imprensa, surge o boato de que o ator teria aids, ou a infecção pelo HIV seria a pré-condição de um câncer. Assim, aciona-se a memória de estigmatização permanente das homossexualidades masculinas desde o surgimento da epidemia nas décadas de 1980. Nas duas entrevistas analisadas, num intervalo de sete anos entre uma e a outra, observamos a prática de uma confissão compulsória de uma verdade dita/não dita sobre a sexualidade de Gianecchini. No contexto em que a mídia se torna um palco para a saída do armário, Gianecchini se posiciona de uma maneira que transita entre identidades representáveis sob o feminino e o masculino, repetindo um modo de narrativa que se mantém no entre, a partir dos duplos de uma retórica do armário.

## Referências

ABIB, R. **Um guerreiro viril: as narrativas biográficas sobre a experiência de Reynaldo Gianecchini com o câncer**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

AQUINO, R. ‘Minha sexualidade não cabe numa gaveta’, diz Reynaldo Gianecchini. Portal O Globo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/minha-sexualidade-nao-cabe-numa-gaveta-diz-reynaldo-gianecchini-23975828> Acesso em: 27 de out. 2019.

AQUINO, R. **Reynaldo Gianecchini: “Meu transplante foi um renascimento”**. Revista Época. São Paulo: Globo S.A. ed.719, 27 fev. 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/02/reynaldo-gianecchini-meu-transplante-foi-um-renascimento.html> Acesso em: 22 jul. 2018.

ARFUCH, L. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

BARBOSA, M.; ENNE, A.L. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. *Eco-Pós*, v.8, 2006.

BOBKER, D. Coming out: closet rethoric and media publics. *History of the present*, vol.5, n.1, 2015.

CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998.

CARVALHO, C.A. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987**. São Paulo: Annablume, 2009..

CRIMP, D. "Right on, Girlfriend". In: WARNER, W. (ed.). **Fear of a queer planet: queer politics and social theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993/

DANIEL, H.; PARKER, R. **Aids: a terceira epidemia**. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma trajetória**

filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Technologies of the self. In: RABINOW, P.; ROSE, N. (eds.). **The essential Foucault: Selections from the essential works of Foucault 1954-1984**. New York: The New Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FIUZA, G. **Giane: vida, arte e luta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975.

JOYRICH, L. **Epistemology of the Console**. *Critical Inquiry*, v. 27, n. 3, 2001.

PARKER R. Interseções entre estigma, preconceito e discriminação na saúde pública mundial. In: Monteiro S.; VILLELA, W (orgs.). **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2013.

\_\_\_\_\_; AGGLETON, P. HIV and Aids-related stigma and discrimination: a conceptual framework and implications for action. **Social Science & Medicine**, v. 57, n. 1, p. 13-24, 2003.

PARKER, R., HERDT, G. e CARBALLO, M. Sexual Culture, HIV Transmission, and AIDS Research. **Journal of Sex Research**, n.28, n.77-98, 1991.

PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 1, p. 104-124, 2009.

POLLAK, M. **Os homossexuais e a aids**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: Mauad, 2020.

SEDGWICK, E. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1990.

SONTAG, S. **Doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SOUZA, M. F. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, 2009.

VIANNA, E.; NASCIMENTO, D. “Nunca me senti tão maldito”: o estigma e a epidemia de Aids no Brasil. In: FRANCO, S.; NASCIMENTO, D.; MACIEL, E. (orgs.). **Uma história brasileira das doenças: vol.4**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.